

## A FLOR

José D'Assunção Barros (UFRRJ)<sup>1</sup>

(ou: Pequena inspiração sobre um poema de Drummond,  
com algumas pitadas de Caetano)

Minha cidade tem ruas estreitas  
e multidões apressadas  
como todas as cidades do mundo.

Tem também um relógio público  
que marca a hora errada  
a intervalos incertos

E há homens que cultivam canteiros  
regados a inseticida  
para que comam mosquitos

Minha cidade tem janelas  
E as janelas têm parapeitos  
e vasos de belas flores  
feitas de papel crepom  
Bem perto tem um passeio  
bem no meio do caminho  
do trabalho de toda gente

Um dia era um dia de sol  
e o relógio marcava indecente  
o início do expediente

e como se fosse um milagre  
aconteceu de repente:  
— Uma flor nasceu no passeio

A caminho da oficina  
de todos os ferreiros  
A caminho de toda fábrica  
de todos os operários  
A caminho do trabalho  
de todo trabalhador  
A caminho do Senado  
de todos os senadores  
A caminho do caminho

---

<sup>1</sup> Historiador e musicólogo brasileiro. Professor de História da Universidade Rural do Rio de Janeiro.

de todos os caminhantes

— Uma Flor  
nasceu no passeio

Minha cidade tem almas estreitas  
e como se a pressa não fosse tudo  
como em todas as cidades do mundo

a multidão parou para ver  
uma flor  
nascer no passeio

Minha cidade tem estufas  
onde homens cultivam canteiros  
de flores de papel crepom

Mas uma flor em carne e pétalas  
sem perfume de inseticida  
e nome de pérola rara

e como se a pressa não fosse tudo  
e um milagre não fosse nada  
nascera no passeio

— É uma pystilestamys  
, disse um nomeador  
— Tem um avogado de átomos  
, um microscopista  
— Tem um valor intrínseco  
, um homem de finanças  
— Se ela soubesse falar  
, um vendedor de sonhos

E a Flor abriu suas pétalas  
indiferente a seus nomes  
e aos dizeres dos homens

E o sol parecia tão quente  
sobre as pétalas tão nobres  
e as cabeças já confusas  
que a Flor pareceu falar:  
— Não! Sou apenas Flor!

**E como a pressa já era tudo**  
e as almas eram estreitas

perdeu a graça ficar olhando  
o que não havia nos canteiros  
e não durava nas estufas.

E a multidão pôs-se a caminho  
do trabalho das horas incertas  
pelas ruas que eram estreitas  
como se nenhuma novidade  
lhe tivesse sido contada.

Seria preciso que a Natureza fosse absurda  
e as flores soubessem falar  
para que fosse contado aos homens  
que uma flor é só uma flor

Mas graças a não haver um Deus  
ou a Deus não ser um homem louco  
que as flores não falam nunca  
nem para dizer que são flores.

E nem por isso tudo será tão estreito  
e as multidões apressadas  
em todos os tempos do mundo.

*Recebido em: 27/06/2021*

*Aprovado em: 08/01/2022*

*Publicado em: 29/04/2022*